



CANGUÇU-RS FORMAÇÃO HISTÓRICA

FHE **POUPEX**



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende onde é titular da cadeira Conde de Resende e, Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Desde 1978 está ligado a Resende onde foi instrutor de História Militar na AMAN. E onde desde 1980 possui casa no Bairro Jardim das Rosas em Itatiaia. Natural de Canguçu RS nascido em 19 de julho de 1931 e estudou no Colégio N.S. Aparecida atual CFENSA 1938-1944.

Digitalização de Artigo do autor publicado nos Anais do VIII Encontro Estadual de Microistória de 1-3 outubro 1991 em Erechim- RS as p.20/30 1991 para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim a AMAN e em levantamento para integrá-la ao Programa PERGAMIUM de bibliotecas do Exército



MUNICÍPIO DE CANGUÇU-RS: FORMAÇÃO HISTÓRICA

Cel Cláudio Moreira Bento

Canguçu está incrustado na Serra dos Tapes, que forma junto com a Serra do Herval a região fisiográfica gaúcha Serras do Sudeste. Serras divididas pelo Rio Camaquã que limita ao norte o município e que se constituem dos solos mais antigos do estado, como parte do Escudo Rio-grandense de formação no Período Arqueano.

A denominação de Canguçu deriva da palavra indígena Caa-guaçu, significando mata grande ou mato grosso, de igual forma que já foi denominada primitivamente a região onde se situa a célebre Avenida Paulista em São Paulo, bem como outros locais, segundo se concluiu ou lê-se em descrições mais antigas. Caa-guaçu era uma alusão a milenar mata grande que encobriu primitivamente a encosta da Serra dos Tapes voltada para a Lagoa dos Patos, conforme registra o Museu da URI em Erechim.

Os primitivos habitantes de Canguçu foram os índios Tapes, tapuias guaranizados, subordinados aos guaranis e que deram seu nome a região onde Canguçu se assenta. Vestígios deles ainda são encontrados nos traços de habitantes do Posto Branco, Canguçu Velho e Herval.

Canguçu foi o 22^º município gaúcho a ser criado, por desmembramento do de Piratini do qual "*foi o distrito mais farrapo e de mais perigo durante a Revolução Farroupilha*", segundo Francisco Pedro de Abreu ou Moringue. Então Canguçu teve grande participação e projeção. Pois as tropas que integraram a Brigada Liberal de Antonio Neto em 1836 na vitoriosa batalha de Seival em 10 de setembro e no outro dia na proclamação da República Rio-Grandense. Então era constituída por Canguçuenses na proporção de cerca de 1/4. Ao ser instalada a República Rio-Grandense em Piratini, em 06 de novembro de 1836 quem carregou o pavilhão tricolor pela primeira vez foi o canguçuense Major de Lanceiros Joaquim Teixeira Nunes - o Coronel Gavião, considerado pelo General Tasso Fragoso "*como a maior lança farrapa*" e se tomou célebre no comando do Corpo de Lanceiros Negros Farroupilhas. Canguçu foi palco de dois combates denominados de Canguçu, respectivamente em 25/26 de outubro e 06 de novembro de 1843 e nos locais Pedra das Mentiras e, Cerro do Ataque, nos fundos do atual Colégio N.S. Aparecida e, ambos, vitórias imperiais de Chico Pedro.

Foi em Canguçu que o maior cronista farrapo - Manoel Alves da Silva Caldeira, veterano farrapo, escreveu cartas depoimentos aos historiadores Alfredo Varela,

Alfredo Ferreira Rodrigues, Alcides Lima e a Piratinino de Almeida que permitiram a eles resgatarem expressivamente a memória do Decênio Heróico. A vila de Canguçu em momentos difíceis da Revolução ,abrigou por diversas vezes Bento Gonçalves da Silva, até,agosto de 1843, conorme se concluiu de ofício do Barão de Caxias ao Ministro da Guerra.

Isto ate que Canguçu fosse ocupado pela Ala Esquerda do Exército Pacificador ao Comando de Caxias, de setembro de 1843 em diante. Comandou a referida ala o célebre guerrilheiro farrapo, cuja vida e obra resgatamos em Memória dos sítios Farrapos de Porto Alegre. Brasília:EGGF.1989.

Canguçu foi criado município junto com Passo Fundo e por sugestão do simbolista farrapo Major Bernardo Pires, autor do desenho da bandeira da República Rio-Grandense, desde 1891 a do Rio Grande do Sul, conforme estudamos em Símbolos do Rio Grande do Sul.Recife:UFRPE, 1971.

O reconhecimento, exploração, conquista e povoamento das terras de Canguçu por Portugal, tiveram inicio apos a conquista dos Sete Povos das Missões pelos exércitos demarcadores de Portugal e Espanha, em 1756, ao final da Guerra Guaranítica. Apos eliminada a reação indígena, as terras de Canguçu passam a integrar o histórico caminho terrestre Rio Grande - Rio Pardo - Missões que ja fora primitivo caminho indígena. Então , passam a serem trilhadas por grupos militares nas ligações das bases militares portuguesas estabelecidas. a de Rio Grande, estabelecida em 1737, e a de Rio Pardo em 1752. Onde se ergue a cidade Canguçu, desde então passou a ser ponto obrigatorio de passagem para quem procedente do norte do Rio Camaquã demandasse a,então Vila do Rio Grande. Isso por ser o local um nó orográfico onde possuem nascentes os cursos d 'água que desaguam nos tios Piratini e Camaquã e. na Lagoa dos Patos.

Com a invasão do Rio Grande em 1763, pelos espanhóis ao comando do Gen. D. Pedro Ceballos e conseqüente dominio da Vila de Rio Grande por cerca de 13 anos(1763-1776), as terras de Canguçu, cujo povoamento já havia sido iniciado no vale do Rio Piratini, passaram a servir de bases de guerrilhas contra os espanhóis dominando a vila de Rio Grande e adjacências e , a partir de 1774 com eles dominando o Forte de Santa Tecla que estabeleceram próximo de Bage atual.

Guerrilhas ao comando do legendário Major Rafael Pinto Bandeira, enviado desde o Rio Pardo para espionar e ferretear os espanhóis pela retaguarda no corte do Canal São Gonçalo.

Em 1773-74, a frustrada invasão do Rio Grande pelo Governador de Buenos Aires, o mexicano D. Vertiz y Salcedo, após derrotado em Santa Bárbara e Tabatingai e detido face Rio Pardo – “A Tranqueira invicta” , foi obrigado a retirar-se,

sob forte pressão guerri-lheira, para a base militar espanhola mais próxima, que era a vila de Rio Grande. Nesta ocasião eleatravessou com seu exercito as terras do atual municipiode Canguçu, após difícil travessia do passo do Camaquã, desde então conhecido por Armada, em alusão a Real Armada de Espanha, designação na época de exercito, e que por ali passou, quando deveria ter feito em melhores condições pelo passo do Camaquã de Baixo,o atual Vao dos Prestes.

Um dos objetivos de D. Vertiz era eliminar as bases de guerrilhas portuguesas nas Serras do Sudeste. Na Serra dos Tapes, ao sul do rio Camaquã na Encruzilhada do Duro, atual Coxilha do Fogo, capitaneadas por Rafael Pinto Bandeira e para onde convergiam para o Sul os caminhos que atravessavam os passos do rio Camaquã .

Na Serra do Herval as guerrilhas capitaneadas por Francisco Pinto Bandeira, pai de Rafael e após pelo paulista Cipriano Cardoso e baseadas na Guardas da Encruzilhada, atual cidade de Encruzilhada do Sul, e que preveniam ataques sobre o Rio Pardo partidos de Rio Grande, através de Canguçu atual e do Rio Camaquã, ou pelo Sul, a partir de Mondevidéu. Estas guerrilhas incursionavam fundo nos territórios sob controle de Espanha, os atuais Uruguai, provincias de Corrientes e Entre Rios, Sete Povos das Missões e distrito de Entre-Rios (entre os rios Uruguai, Ibicui, Santa Maria e Quaraí). Incursões em operações militares denominadas arreadas que botavam abaixo instalações pecuárias espanholas naqueles territórios e ao mesmo tempo retiravam dos possíveis caminhos, de invasão ao Rio Grande, o gado cavalari e vacum que encontravam. Mapa da época assinala a região da atual cidade de Canguçu como depósito de bovinos e muares arreados por Rafael Pinto Bandeira e seus homens que ali taméem vigiavam os movimentos dos espanhóis na vila de Rio Grande a partir de 1763, tendo pouco antes tido seu território atravessado pelos Dragões de Rio Pardo, que dali foram transferidos ao comando do Cel. Thomaz Osório para erigirem e defenderem a Fortaleza de Santa Tereza, no atual Uruguai, que na ocasião foi conquistada.

Erico Verissimo em sua trilogia O Tempo e o Vento focaliza com base histórica as aventuras de Rafael Bandeira mas não o local da mesma em grande parte feitas em Canguçu ou a partir dele e inclusive a partir de 1774, na vigilância ali, da Fortaleza de Santa Tecla, então erigida pelos espanhóis e somente cerca de 2 anos anos conquistada por Rafael Pinto Bandeira e Major Patricio Correia Camara.

A este se deve a primeira descrição do caminho que percorreu em Canguçu atual, quando deslocou-se da conquistada fortaleza junto com seus Dragões do Rio Parado, para ocupar posição no Taim que poderia ser atacada pelo Vice-Rei do Prata, General D. Pedro Ceballos que ão conseguiu atacar e reconquistar Rio

Grande por duas Esquadras haver sido dispersa por tempestade e logo em seguida conquistou em definitivo a Colônia do Sacramento e antes ter invadido e dominado a Ilha de Santa Catarina em 1777. Rafael Pinto Bandeira e seus guerrilheiros foram os primeiros a reconhecer e a explorar Canguçu e durante a Guerra de 1763-76, quando ele teria estado a morte no local da atual cidade de Canguçu, onde, ele coordenava a ação de seus homens nos vales dos rios Piratini e Camaqua.

Ao final da guerra, depois de expulsos os espanhóis de São Martinho, Santa Tecla e vila de Rio Grande, as terras de Canguçu se reabrem ao povoamento que fora interrompido com a invasão espanhola.

Os povoadores de Canguçu são guerrilheiros das tropas de Rafael, deslocados de Colônia do Sacramento que passou definitivamente ao domínio de Espanha, após quase um século de acirrada disputa diplomática e militar com Portugal e açorianos e descendentes mandados vir em migração oficial povoarem os Sete Povos das Missões e que com a guerra Guaranítica permaneceram nas regiões litorâneas de Mostardas, São José do Norte e em Povo Novo e ao longo do rio Jacuí

De 1783-89 funcionou em Canguçu, com sede em sobrado de pedra em Canguçu-Velho, a Real Feitoria Li-nhocanhamo do Rincão do Canguçu. Suas terras se estendiam da Lagoa dos Patos pela encosta da Serra dos Tapes acima, até as nascentes do Arroio das Pedras (atual Arroio Grande) abrangendo o Rincão do Canguçu, situado entre este arroio e o de Correntes e sem abranger as terras hoje conhecidas como Ilha da Feitoria, conforme, provamos com base em mapa da mesma feitoria existente na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional e artigo na RIHGB (v.340, jul/set.83).

Ela funcionou com escravos vindos da Fazenda de Santa Cruz no Rio de Janeiro e outros apreendidos num contrabando. Esta inciriva que deu bons resultados durou cerca de 6 anos e foi a única bem sucedida no Brasil, tendo produzido linho, item estratégico essencial para a navegação marítima para o fabrico de velame e cabos das embarcações e de cujo fornecimento Portugal dependia da Inglaterra. Por razões desconhecidas até hoje a Feitoria foi transferida para São Leopoldo atual, onde suas instalações, em 1824, iriam abrigar os primeiros imigrantes alemães para o Rio Grande do Sul. Em torno do abandonado local da Feitoria em Canguçu, havia-se condensado alguns moradores que deram origem ao povoado Canguçu-Velho após 11 anos, com a criação em 1800 da atual cidade de Canguçu, em invocação a N.S. da Conceição de Canguçu.

Estudo sobre as ruínas em Canguçu Velho levou um pesquisador a confundir-la com a primeira missão jesuítica no Rio Grande, equívoco que explicamos em artigo no Diário Popular de Pelotas sob o título - Canguçu primeira redução guaranítica? 22 de novembro de 1970. Para tal consultamos especialistas jesuítas no assunto no Seminário Cristo Rei em São Leopoldo.

A economia de Canguçu teve início com a iniciativa oficial da Real Feitoria, que além do linho desenvolveu a pecuária bovina e a lavoura de subsistência que incluía estopa para a confecção de roupas aos escravos.

Com o estabelecimento das charqueadas em Pelotas, a população de Canguçu beneficiou-se da proximidade das charqueadas para onde conduzia o gado que produzia ou, da exploração da infra-estrutura comercial de apoio aos carreteiros, viajantes e tropas de gado que ali passavam demandando Pelotas e provenientes de diversas regiões do Rio Grande e, notadamente, entre o final da Guerra do Paraguai e até a Revolução de 93, tropas de gado provenientes das Missões e de Cima da Serra, aproveitando a Ponte do Rio Jacuí acima de Cachoeira do Sul que foi mandada construir pelo Conde de Caxias como Presidente do Rio Grande e que entrou em funcionamento depois de 1845 e até 1893, quando seu piso foi incendiado por forças do Governo para impedir o acesso de federalistas ao norte do Jacuí. Este foi o período da economia local.

Este foi o período áureo da economia local. Data deste tempo a mangueira Enterrada da Lacerda, feita de pedra e equipamento esperado com ansiedade pelos tropeiros que ali encerravam o gado e que tinham uma folga das repetidas noites de ronda, para prevenir em campo aberto estouros da boiada.

O trigo sempre foi muito cultivado em Canguçu. Em 1815 o Bispo do Rio de Janeiro D. José Caetano da Silva Coutinho, passou em Canguçu nos dias 25, 26 e 27 de novembro. Entre outras coisas observou que *“a freguesia de Canguçu produzia 1000 a 2000 alqueires de trigo, o que o fazia uma das mais notáveis da capitania neste particular e supunha que o próprio vigário Padre Tourem fosse um grande plantador de trigo.”* Na revolução Farroupilha Canguçu forneceu considerável quantia de trigo para alimentar a Brigada Liberal do General Antônio. Netto ocupando Pelotas e aquartelada no Teatro 7 de Abril.

A abertura dos Portos do Brasil, em 1808, provocou a entrada no Rio Grande de trigo a menores preços proveniente dos EUA, o que junto com a ferrugem determinou o quase abandono daquela cultura, com esforço na produção de gado para charque, para alimentar as concentrações de

escravos em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, e guarnições de navios e etc...

Canguçu é considerado o município brasileiro com maior número de minifúndios. Sua fronteira agrícola tem se expandido expressivamente sobre áreas outrora voltadas para a pecuária. Tem por diversas vezes ocupado a posição de maior produtor de batata e milho do Rio Grande.

Entre a Guerra contra Oribe e Rosas (1852) e a Revolução de 93, Canguçu recebeu imigrantes alemães vindos da Pomerania, próximo a Polônia, com características de linguagem e costumes bem como nível cultural, bastante diferenciados dos colonos vindos para São Leopoldo em 1824. Isolados, sua cultura aos poucos se descatasteriza e estão a merecer um estudo urgente. Outro contingente foi o italiano que se fixou na Colônia Maciel as famílias Telesca, Zanetti, Grigoletti, Casarin etc e ambos os núcleos tiveram grande expansão e tem contribuído para a grandeza do município. Mas ambas estão a merecer um estudo mais apurado.

Canguçu foi fundado em 30 de dezembro de 1799 pelo governador do Continente (nome como também era conhecido e tratado oficialmente o Rio Grande do Sul) o Ten. Gen. Sebastião Xavier da Veiga Cabral o qual como coronel havia tido destacada atuação na reconquista da Vila de Rio Grande em 1º de abril de 1776.

Ele Governou o Rio Grande por cerca de 20 anos e comandou de seu leito de morte em Rio Grande, a vitoriosa Guerra de 1801, da qual resultou a incorporação definitiva dos territórios das Missões, do Piratini ao Jaguarão e, do divisor do Tratado de Santo Ildefonso até o Rio Santa Maria.

Canguçu foi criado dentro de um contexto militar estratégico com vistas a ali bloquear o novo projetado caminho de invasão ao Rio Grande, a partir recém fundado Forte de Cerro Largo (atual Mello), via Passo Centurion no rio Jaguarão. os atuais, Herval do Sul Pinheiro Machado, Piratini e Canguçu por via seca, de onde poderia infletir, ou para Rio Grande ou para Rio Pardo, as principais bases militares de Portugal/do litoral e na campanha. Os povoadores de Canguçu nesta guerra prestaram valioso concurso operacional e logístico. O comandante da expansão ocorrida entre os rios Piratini e Jaguarão. foi o Marechal de Campo Manoel Marques de Souza, o maior proprietário ao Sul de Canguçu atual. Em nossas lutas externas de 1812, 1816-1817. e 1825-52 na fronteira sobre o atual Uruguai, Canguçu concorreu com soldados, mas foi poupado de envolvimento dada a sua posição no interior e na serra

Na Guerra do Paraguai, Canguçu enviou um Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional ao comando do vereador de Canguçu e Ten. Cel. G. N e Honorário do Exército . Teóphilo de Souza Mattos. De retorno foi homenageado em cerimonia civica no cerro desde então da Liberdade, com a libertação de duas escravas menores, tendo interpretado o sentimento a comunidade o que fora o 1º Professor Régio para meninos ao ser criado o Município e Vila de Canguçu em 1857 Joaquim Antonio Bento, orador da Sociedade Libertadora de escravos local, no âmbito da Maçonaria. O cerro da Liberdade monumento natural e bellissimo em data recente foi arrasado para fornecer aterro para a Estrada da Produção Sul e Super Porto de Rio Grande.

Nas revoluções Canguçu teve envolvimento na Farroupilha, conforme abordado. Na Revolução de 93 não foi atingido pelas operações, mas a ele ligam-se, por laços de família, as suas maiores lideranças militares.

Gumercindo Saraiva era neto e filho de canguçuenses e batizado na Vila Freire e o Gen. Hipólito Pinto Ribeiro era canguçuense e foi o vencedor de Inhandui e comandante superior da tropa que em Campo Osorio, com a morte do Alte. Saldanha da Gama, se foi a ultima esperança de Cel da Brigada Militar Juvêncio Lemos. O maior combate foi em Canguçu Velho nas terras da antiga Real Feitoria do Linho cânhamo. Em Porto Alegre o canguçuense Cel. G. N. Genes Gentil Bento, ex-intendente de Canguçu 1905-1916, e como Notário ,foi encarregada de organizar a defesa de Porto Alegre com a Guarda Republicana

Na 2ª Guerra Mundial Canguçu concorreu com o pesado tributo em vidas representado por 10% dos mo-tos gaúchos da Força Expedicionária Brasileira - FEB.

No Cerro dos Borges, na cidade de Canguçu, de onde ha mais de 200 anos Rafael Pinto Bandeira vigiava o inimigo, hoje abriga a estratégica instalação do Sin dacta2 (Sistema Nacional de Defesa Aérea e de Controle do Tráfego Aéreo). Canguçu foi chamado pelo professor alemão Eduardo Wilhelmy de "Jóia incrustada na Serra dos Tapes" e em data recente pelo historiador gabrielense Osório Santana Figueiredo, de "A magnifica dos cerros".

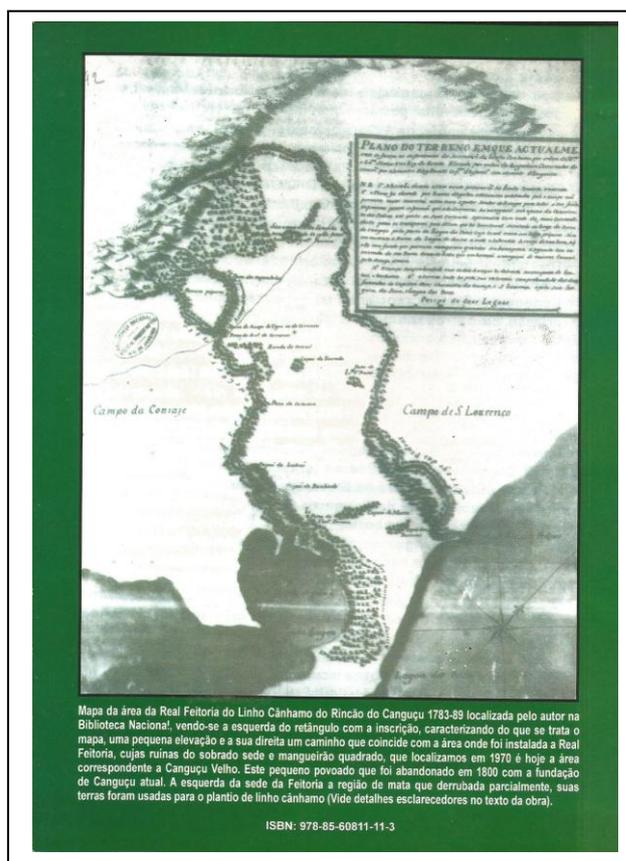
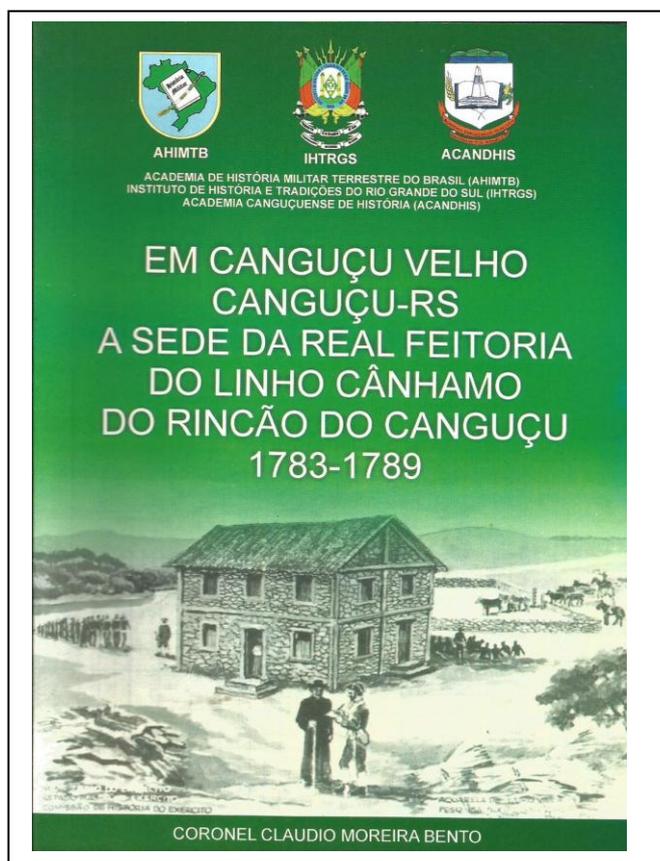
O primeiro historiador de Canguçu foi em 1912, J. Simões Lopes Neto na Revista do Centenario de Pelotas nº 4, com apoio em elementos que lhe foram fornecidos pelo Intendente Genes Gentil Bento e Carlos Norberto Moreira, preservadores e divulgadores da memoria local oral confor me registro de Simões Lopes Neto. Obra continuada por Conrado Ernâni Bento, filho do primeiro e genro do segundo que legou-nos valiosa documentação que vinha preservando e que a usamos em nossa pesquisa de mais de 25 anos e que a traduzimos na obra:

BENTO, Cláudio Moreira, Cel. Canguçu Reencontro com Historia. P. Alegre, IEL, 1983 (com prefacio de Luis Carlos Barbosa Lessa) e a 2ed de 2007 aumentada , prefaciada por Cairo Moreira Pinheiro..

Esta obra indica a localização de exemplares da pesquisa original bem mais ampla que o livro.

Complemento em 2016

Esta disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br nossa pesquisa intitulada SAIBA COMO CANGUÇU NASCEU. A restauração da História e fruto de aproximações sucessivas .E a citada pesquisa esclarece ainda mais a História de Canguçu que de perdida ou esquecida como a encontramos em 1957 em seu Centenário e desde a então a temos resgatado. .História e Verdade e Justiça !. E dentro deste resgate a nossa maior pesquisa foi provar desde 1970 que em Canguçu Velho foi a sede da Real Feitoria do Linhocanhamo do Rincão do Canguçu 1783~1793, e que demonstramos na obra cujas capas abaixo apresentamos;



1ª e 2ª capas da obra acima

Nota o presente trabalho foi digitalizado, formatado e impresso pelo autor aos quase 85 anos. E seguramente contém falhas e erros pelos quais antecipadamente peço a compreensão do leitor e pesquisador interessado que se atenham ao conteúdo e não a forma. C.M.Bento.

a

Com o estabelecimento das charqueadas em Pelotas a população de Canguçu beneficiou-se da proximidade das charqueadas para onde conduzia o gado que produzia ou, da exploração da infra-estrutura comercial de "carreiros" aos carreiros, viajantes e tropas de gado que

■

li passavam demandando Pelotas e provenientes de várias regiões do Rio Grande e, notadamente, entre o início da Guerra do Paraguai e até a revolução de 1933,

' de gado provenientes das missões e de Cima da

■

i, aproveitando a Ponte do Rio Jacuí acima de Ca-

lmas do Sul que foi mandada construir pelo Conde de Itaipuaçu como Presidente do Rio Grande e que entrou

verdade, monumento natural e belíssimo em data recente foi arrasado para fornecer aterro para a Estrada da Produção Sul e Super Porto de Rio Grande.

Nas revoluções Canguçu teve envolvimento na Farroupilha, conforme abordado. Na Revolução de 1933 não foi atingido pelas operações, mas a ele ligam-se, por laços de família, as suas maiores lideranças militares.

Gumercindo Saraiva era neto e filho de Canguçuenses e batizado na Vila Freire e o Gen. Hipólito Pinheiro era canguçuense e foi o vencedor de Inhanduí e comandante superior da tropa que em Campo Osório pos abaixo, com a morte do Altmte. Saldanha da Gama, a última esperança de restabelecimento do Império. Na Revolução de 1933 Canguçu e cenário nas operações capitaneadas pelo General Zeca Netto que se defronta com o Canguçuense Juvencio Lemos. O maior combate foi em Canguçu Velho nas terras da antiga Real Feitoria do Linho cânhamo. Em Porto Alegre o canguçuense Cel. G. N. Genes Gentil Bento, como Notário do 3º Ofício, foi encarregado de organizar a Guarda Republicana para defender Porto Alegre dos revolucionários.

Na 2ª Guerra Mundial Canguçu concorreu com o pesado tributo em vidas representado por 10% dos mortos gaúchos da Força Expedicionária Brasileira - FEB.

No Cerro dos Borges, na cidade de Canguçu, de onde há mais de 200 anos Rafael Pinto Bandeira vigiava o inimigo, hoje abriga a estratégica instalação do SINDACTA (Sistema Nacional de Defesa Aérea e de Controle do Tráfego Aéreo). Canguçu foi chamado pelo professor alemão Eduardo Wilhelmy de "Joia

incrustada na Serra dos Tapes" e em data recente pelo historiador Osório Santana Figueiredo, de "A magnífica dos cerros".

O primeiro historiador de Canguçu foi em 1912, J. Simões Lopes Neto na *Revista do Centenário de Pelotas*, com apoio em elementos que lhe foram fornecidos pelo Intendente Genes Gentil Bento e Carlos Norberto Moreira preservadores e divulgadores da memória local oral. Obra continuada por Conrado Ernâni Bento, filho do primeiro e genro do segundo que legou-nos valiosa documentação que vinha preservando e que usamos em nossa pesquisa de mais de 25 anos e que traduzimos na obra:

BENTO, Cláudio Moreira, Cel. *Canguçu Reencontro (Uma História)*. P. Alegre, IEL, 1983 (com prefácio de Luiz Carlos Barbosa Lessa).

Esta obra indica a localização de exemplares da pesquisa original bem mais ampla que o livro.

Para dar continuidade a este esforço de resgate, culto e divulgação da História de Canguçu, foi criada em 13 de setembro de 1988 a Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) tendo como patrono Conrado Ernâni Honto que não sendo historiador teve a sensibilidade de guardar por mais de 50 anos documentos históricos da maior importância para a restauração da história de Canguçu.

Nota do Autor:

Apos feita a comunicação Canguçu formação histórica em que abordamos a localização do Rincão do Canguçu, como sendo no Continente e não na ilha de Canguçu, hoje conhecida como da Feitoria, a comunicação Pelotas passado e presente, feita, pela pesquisadora Zênia de Leon, apresentou o Rincão do Canguçu como tendo sido da ilha da Feitoria e, por via de consequência, que ali tinha, em verdade, funcionado a Real Feitoria do Linhocãhamo, com sede na fazenda Soteia da ilha em foco, cujos detalhes procurou mostrar com recursos de um vídeo que ela filmou. Ao final da exposição mostramos nossa discordância com sua tese, afirmando que o Rincão do Canguçu onde havia funcionado a Real Feitoria era no Continente e que a ilha de Canguçu, hoje conhecida como Feitoria, desde 1756, era propriedade privada e que nenhuma ligação havia tido com a Real Feitoria e, por via de consequência, as construções da Real Feitoria que mostrou em videocassete. Como o fórum para o debate era insuficiente para expor e jus-

29

tificar meu ponto de vista, me produz a fazer-lo em comunicação a ser apresentada ou enviada para o próximo encontro de Microistória em 1992. Confesso que a abordagem do trabalho da pesquisadora Zênia de Leon sobre a Real Feitoria do Linhocanhama me surpreendeu com o título Pelotas passado e futuro, o que me impediu de melhor preparar-me para debater o tema que em realidade o título da comunicação encobria a Real Feitoria do Linhocanhama assunto que pesquiso há mais de 25 anos sobre o qual muito tenho escrito e até então sem contestação.

25 de outubro de 1991

em

25